

zendo (e isso também no caso dos pais de alunos fora da escola), deixando-os expressar o conhecimento de uma realidade, conhecimento de que são eles os efetivos possuidores porque a estão vivenciando, sem querer falar simplesmente por eles e contra eles.

Esse conhecimento que os sujeitos têm da realidade e que, via de regra, é desprezado pelos órgãos que estão investidos de autoridade para falar sobre o ensino, certamente precisa ser recuperado. Tanto no que ele tem de sabedoria — uma sabedoria testada pelas contingências do cotidiano — quanto no que ele tem de contraditório, como reflexo de uma prática que é também ideológica, que se baseia em modelos e valores de classe e tende a contribuir para a manu-

tenção das diferenças sociais dentro da escola.

Nossa aposta é a de que, retendo o que esse conhecimento tem de sabedoria e o repensando à luz de uma perspectiva globalizante, histórica e crítica, é possível chegar a propostas que possam constituir alternativas válidas para os fins a que nos propomos. Do contrário, estaremos repetindo um discurso elaborado e vazio, modelos que nada têm a ver com o vivido, e que contribuem para uma distorção do próprio vivido na medida que colocam como problema coisas que não o são, e como soluções, medidas que desviam do encaminhamento adequado os esforços daqueles que se propõem a uma mudança no sentido da democratização do ensino.

# A DEMOCRATIZAÇÃO DAS OPORTUNIDADES EDUCACIONAIS\*

T. Roserley Neubauer da Silva\*\*

Uma equipe do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas<sup>1</sup> vem, nos últimos 7 anos, se preocupando com o problema do fracasso na aprendizagem, da repetência e consequente evasão de enormes contingentes de alunos nos primeiros anos de escolaridade, alunos estes pertencentes em sua quase totalidade às camadas pobres da população.

Como fruto desta preocupação, resultaram inicialmente algumas pesquisas de diagnóstico da realidade e, mais recentemente, dois programas de ação e de aplicação prática. O primeiro é o Programa Alfa, currículo e material instrucional destinado às crianças das primeiras séries, que está sendo usado há 4 anos em escolas de quase todos os Estados do Brasil. O segundo programa recebeu o nome de Pensamento e Linguagem; acaba de ser concluído; está em processo de avaliação e é um instrumento para aperfeiçoar professoras das primeiras séries do 1º grau.

Através das pesquisas iniciais de diagnóstico, constatamos que os conteúdos dos programas, os métodos

pedagógicos e os padrões de desempenho exigidos da maioria da clientela das escolas públicas, que atendem a 87% das crianças escolarizadas, baseiam-se em modelos psico-pedagógicos destinados a crianças ideais, que retratam os padrões das crianças de classe média. Estes padrões diferem muito das crianças encontradas nos bancos escolares. O que os sistemas educacionais estão oferecendo são, pois, conteúdos, métodos e exigências que atuam

---

\* Comunicação apresentada na Mesa-Redonda "Pesquisa para democratização da educação", promovida pela Fundação Carlos Chagas na 32ª Reunião Anual da SBPC, Rio de Janeiro, julho de 1980.

\*\* Do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas.

<sup>1</sup> Equipe composta, basicamente, pelas pesquisadoras Ana Maria Poppovic, Lia Rosenberg, Marta Wolak Grosbaum, Yara Lúcia Esposito e a autora desta comunicação.

de forma camuflada como mecanismos de seleção dentro da própria estrutura escolar, condenando a criança pobre a um ensino não adequado e, portanto, ao fracasso escolar num sistema obviamente não igualitário.

Em função dessa realidade, nossa proposta buscou atingir os dois pólos cruciais do problema: a criança e a professora. Com relação à criança, o Programa Alfa preocupou-se com a defasagem entre o que é proposto e esperado pelos sistemas e o que as crianças estão em condições de realizar.

Com esse objetivo centralizou-se a atenção em 5 áreas críticas:

— preparação intensiva em funções e operações necessárias à aquisição da leitura e escrita, instrumento básico para a sobrevivência do indivíduo no mundo que o rodeia. Em nossa sociedade, apenas as crianças que freqüentam escolas particulares recebem essa preparação.

— alteração do ritmo proposto pelas escolas, prevendo maior tempo para a aquisição e fixação de algumas aprendizagens iniciais. Neste caso, a criança que freqüenta jardins de infância tem quatro anos para essas aquisições, enquanto que a criança pobre tem apenas um ano — a 1ª série.

— ênfase especial no desenvolvimento da linguagem oral e escrita, respeitando as características culturais do grupo de origem dos alunos. Isto significa, além de um maior desenvolvimento mental, que a escola não só se obriga a ensinar seus alunos — anteriormente mudos — a falar, a perguntar e a questionar, como também, e em decorrência, a escola aprende a ouvir o que essas crianças têm a dizer.

— modificação do enfoque curricular, que visava o conteúdo, passando a preocupar-se com maior insistência com o processo de aprendizagem. Isto significa ensinar a criança a pensar, a raciocinar e resolver problemas, objetivando fornecer-lhe um instrumental intelectual que lhe permita uma permanência bem sucedida na escola e também lhe forneça uma capacidade de encontrar soluções adequadas de vida no futuro.

— a quinta e última área atendida pelo programa Alfa foi a tentativa de modificar valores e atitudes, entre estas, sendo mais trabalhadas a auto-percepção, a consideração própria, o auto-respeito e estima por si mesmo, pela sua capacidade, pela sua família e pela sua origem.

Com relação à professora, além da parte a ela destinada nos tópicos que acabamos de citar do programa Alfa, dedicamos, no programa de treinamento Pensamento e Linguagem, uma atenção muito especial a aspectos que extravasam a sistemática do trabalho didático e as rotinas concretas da atuação pedagógica. São eles uma visão crítica da realidade na qual a professora atua, uma análise humana de seus alunos, com os problemas que trazem de sua origem para a sala de aula, uma colocação persistente e motivadora do papel profissional que lhes cabe desempenhar e, principalmente, uma conscientiza-

ção de certas atitudes e valores, presentes em seu relacionamento com os alunos, e que, sem que a professora perceba, contribuem substancialmente para o fracasso escolar das crianças.

Este é um apanhado muito resumido da programação que vem sendo desenvolvida por nossa equipe, nestes anos.

**M**esmo tendo plena consciência de que a escola, em nosso país, está inserida num contexto social muito problemático, que requer mudanças urgentes, e de que a sua clientela chega ali marcada por dificuldades profundas — por que acreditamos que nosso trabalho pode contribuir para a democratização do ensino?

Queremos ressaltar, desde logo, que não concordamos com a posição que vê na escola um simples mecanismo de reprodução das relações sociais. Para nós, parafraseando Snyders, "a instituição escolar não está povoada de fantasmas inconscientes, não é apenas a máscara dos mecanismos sociológicos, mas tem também a sua vida própria".

A escola desempenha um papel importante e insubstituível no mundo moderno. Nas sociedades capitalistas, em particular, ela pode criar contradições fundamentais, na medida em que os conteúdos por ela veiculados, ao serem assimilados, permitem às crianças pobres uma compreensão maior do sistema e, assim, tornam-se um instrumento potencial de oposição desses indivíduos à sua situação desfavorecida. Se é verdade que o funcionamento da escola é passível de inúmeras críticas, o problema principal consiste em modificar essa escola para torná-la um meio de formação das classes marginalizadas.

Portanto, não basta a crítica e muito menos o "quanto pior, melhor". É necessário ir além e repensar a escola, seu currículo, seus métodos, suas limitações, sem se deixar enganar por soluções radicais ou ingênuas.

No interior da própria escola, existe uma luta a ser conduzida, pois aí também se revelam as contradições existentes no contexto social. Os educadores, conseqüentemente, não têm o direito de assumir a posição cômoda de nada fazer, usando a desculpa de que "a escola deveria ser fechada, pois somente reproduz a cultura dominante" e que "é preciso procurar formas alternativas de educar, que nada tenham a ver com o que se aprende na escola". Existe uma possibilidade de trabalhar na área pedagógica, que possui especificidade própria. Não podemos correr o risco de menosprezar o contexto pedagógico, que tanto precisa ser refeito, em favor de um compromisso unicamente político.

É preciso lembrar que, apesar de toda a centralização que se tentou imprimir ao ensino em nossas escolas, o professor ainda tem amplo domínio da situação dentro de sua sala de aula. Ele pode facilitar ou dificultar o trabalho de seus alunos. Pode deixar de atuar por sim-

ples falta de preparo profissional; falta de conhecimento não só do conteúdo a ser dado, mas também da realidade onde atua; por preconceitos e conceitos errados frente a toda a problemática escolar. É preciso criar instrumentos que o ajudem a ser um profissional competente e que, ao mesmo tempo, lhe possibilitem uma tomada de posição pessoal quanto à sua clientela, à realidade onde trabalha e ao seu próprio papel.

Foi pensando em atuar na margem de manobra pertinente ao pedagógico (porém, sem tentar ignorar ou

afastar o embasamento político que qualquer atuação educacional deve ter), que nossa equipe realizou este tipo de trabalho. Através dele acreditamos estar trazendo alguma contribuição para a democratização das oportunidades educacionais de nossa população infantil, uma vez que, para nós, democratizar o ensino não implica unicamente em aumento de número de vagas nas escolas, mas também na criação de condições reais de permanência e êxito das crianças dentro da escola.

# PESQUISA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E DEMOCRACIA\*

Carmen Barroso\*\*

**N**a Fundação Carlos Chagas, a preocupação com a Educação Sexual nasceu dentro do Coletivo de Estudos sobre a condição feminina.

No que diz respeito à educação, o desenvolvimento dos estudos sobre a mulher procurou inicialmente sanar a lacuna existente nos estudos sobre democratização no ensino, que se debruçavam sobre os mínimos detalhes das diferenças ligadas à origem social dos sujeitos, e não viam, mesmo quando saltavam aos olhos, aquelas diferenças relacionadas ao sexo.

Da análise inicial da seletividade sexista do sistema escolar, passamos a uma preocupação com os conteúdos preconceituosos e estereotipados transmitidos por meios escolares e extra-escolares que reforçam e reproduzem relações de dominação e subordinação, justificando-as e contribuindo para a sua internalização, inclusive por parte das próprias categorias oprimidas.

Esse tipo de motivação nos levou a vários caminhos, um dos quais o da educação sexual, que é a área de estudos a que tenho me dedicado mais diretamente nos últimos tempos, juntamente com Cristina Bruschini e outros colaboradores.

Nossa equipe concebe as relações entre educação sexual e democracia em dois sentidos.

Primeiro, a conquista da democracia — e, diga-se de passagem, a entendemos não só como predominância dos interesses da maioria, mas também como aceitação das diferenças e respeito pelas minorias — será tanto mais difícil, quanto maior for a persistência da formação de personalidades autoritárias, dentro da estrutura familiar burguesa, através de mecanismos de repressão sexual, que atingem homens e mulheres, estas de forma mais evidente.

Podemos levantar, com Potter, a hipótese de que a criança burguesa experimenta uma configuração emocional em que tem de renunciar ao prazer do corpo a favor da afeição dos pais. Porém, a singularidade da estrutura

---

\* Comunicação apresentada na Mesa-Redonda "Pesquisa para democratização da educação", promovida pela Fundação Carlos Chagas, na 32ª Reunião Anual da SBPC, Rio de Janeiro, julho de 1980.

\*\* Do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas.